

COMUNICAÇÃO, CARTOGRAFIA E TENSIONAMENTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISAR MASCULINIDADES NEGRAS HOMOAFETIVAS NO INSTAGRAM

GEOVANE PEREIRA DA SILVA ¹

RESUMO:

As inquietações de como produzir ciência sem tornar sujeitos em objetos é algo contemporâneo. Isso deve ser um exercício para nós pesquisadoras e pesquisadores do campo da Comunicação. Nessa direção, este trabalho buscou realizar tensionamentos na orientação metodológica cartografia pensada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) para formular estratégias de observação e descrição para discutir masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*. Isso sinalizando tal produção com a presença do sujeito-pesquisador-pesquisado (homem negro e bissexual) como participante do território-objeto estudado. Para tanto, a inspiração para esta postura teórico-metodológica está em Lélia Gonzalez (1979, 1984, 1988, 2018) entre outras autoras e autores negras(os). Aqui, trago a trajetória metodológica das escolhas e estratégias que orientaram a construção e os tensionamentos da minha pesquisa de mestrado. Para tal, considero que a cartografia na Comunicação nos ensina a ouvir os dados coletados e/ou produzidos a partir da relação sujeito-pesquisador e território-objeto.

Palavras-chave: Comunicação; Cartografia; Masculinidades negras homoafetivas; Instagram.

ABSTRACT:

The concerns about how to produce science without turning subjects into objects is a contemporary issue. This should be a fundamental exercise for researchers in the field of Communication. In this context, this study sought to apply methodological tensions to the cartographic approach developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari (2011) in order to formulate observation and description strategies for discussing Black homoaffective masculinities on Instagram. This approach highlights the inclusion of the researcher-subject (a Black and bisexual man) as an active participant in the studied territory-object. The theoretical and methodological stance of this work is inspired by Lélia Gonzalez (1979, 1984, 1988, 2018) among other Black authors. Here, I present the methodological trajectory, choices, and strategies that guided the construction and critical exploration of my master's research. To this end, I consider that cartography in Communication teaches us to listen to the data collected and/or produced through the relationship between the researcher-subject and the territory-object.

Keywords: Communication; Cartography; Black homoaffective masculinities; Instagram.

RESUMEN:

Las inquietudes sobre cómo producir ciencia sin convertir a los sujetos en objetos es una cuestión contemporánea. Esto debe ser un ejercicio fundamental para nosotras y nosotros, investigadores del campo de la Comunicación. En esta dirección, este trabajo buscó realizar tensiones en la orientación metodológica de la cartografía propuesta por Gilles Deleuze y Félix Guattari (2011) para formular estrategias de observación y descripción que discutan las masculinidades negras homoafectivas en Instagram. Esta orientación destaca la inclusión del sujeto-investigador (un hombre negro y bissexual) como participante activo en el territorio-objeto estudiado. La postura teórico-metodológica de este trabajo se inspira en Lélia Gonzalez (1979, 1984, 1988, 2018), entre otras(os) autoras(es) negras(os). Aquí presento la trayectoria metodológica, las elecciones y estrategias que guiaron la construcción y las tensiones de mi investigación

¹ Doutorando em Comunicação. Jornalista. Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza. Ceará. Brasil. geovane@ufpi.edu.br.

de maestria. Para ello, considero que la cartografía en Comunicación nos enseña a escuchar los datos recopilados y/o producidos a partir de la relación sujeto-investigador y territorio-objeto.

Palabras clave: Comunicación; Cartografía; Masculinidades negras homoafectivas; Instagram.

APRESENTAÇÃO

Meu texto está escrito em primeira pessoa. Essa escolha é algo que anseio fazer desde que dei os primeiros passos no mundo da pesquisa. Tal prioridade, carrega traços de desejos, mas, ao mesmo tempo, essa escrita apresenta um caráter de intervenção-política. Ainda preciso dizer que este trabalho constituiu o capítulo metodológico da minha pesquisa de mestrado em Comunicação que discutiu masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*².

Partilho que a pulsão para estudar este fenômeno contemporâneo foi a minha vivência como homem negro e bissexual, que me direcionou a questionar o quanto o *Instagram* afetava minha vida social e subjetividade.

Nesta pesquisa, me posiciono como sujeito-pesquisador-pesquisado. Essa escrita em primeira pessoa é inspirada na postura do feminismo negro e, conseqüentemente, em suas estudiosas: o sentir a necessidade de produzir conhecimentos que se movimentam do olhar **com** e não do olhar **sobre**. Ao situar a postura de intervenção-política, explico também que esta pesquisa é de natureza qualitativa. Desse modo, os tensionamentos metodológicos e suas reflexões não tem pretensão de propor padronizações, trazer verdades absolutas ou de não serem contestadas.

Dito isto, apresento inicialmente dados sobre meu território-objeto, o *Instagram*, bem como as justificativas do mesmo e alguns apontamentos para a escolha da metodologia. Para tanto, externo que as práticas, processos e vetores da produção de masculinidades negras homoafetivas no *Instagram* que coloco em jogo como tema central de discussão e reflexão, me convidaram a buscar uma proposta metodológica que me guiasse a trabalhar e compreender sobre produção de subjetividades³.

2 Dissertação defendida em fevereiro de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, intitulada “Masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*: uma cartografia da produção de subjetividades pela #negrogay”.

3 A partir das leituras de Guattari (1992), Deleuze e Guattari (2011) e Guattari; Rolnik (1996), compreendo subjetividades como manifestações que não estão situadas apenas nos sujeitos – individualidade – como

As redes sociais como *Facebook*, *Tumblr*, *Pinterest* e *Instagram* já há pouco mais de uma década fazem parte do dia a dia das pessoas e dos processos de sociabilidade. O *Instagram* surgiu em 2010 e atualmente possui milhões de usuários conectados pelo mundo. A sua principal função é o compartilhamento de imagens e as relações nessa rede social são construídas pelo ato de seguir perfis e/ou ser seguido (acompanhar usuários): como também interagir através dos comandos; *like* (gostar), compartilhar, comentar e salvar o conteúdo publicado. Essa rede social pertence ao conglomerado de tecnologias e mídias digitais *Meta*.

O especialista em segurança cibernética e *marketing online* Matt Ahlgren publicou uma matéria, em fevereiro de 2022, intitulada “40 + *Instagram* estatísticas e fatos para 2022”. Nessa matéria, Ahlgren (2022) reuniu dados de empresas de estatísticas e avaliações técnicas. Também é válido dizer que essas informações são referenciadas na matéria em questão. Segundo esse levantamento de dados, o *Instagram* possui mais de dois milhões de usuários ativos mensais. Ahlgren (2022) aponta que essa quantidade é nove vezes maior que o número de usuários ativos monetários do *Twitter*.

O *Instagram* é um território discursivo-imagético que ocupa um lugar de destaque na sociedade contemporânea, seja pelo número expressivo de usuários e publicações realizadas nessa rede social, seja pelas práticas sociais, comunicacionais, econômicas e subjetivas por ele mediadas. O levantamento de dados feito por Ahlgren (2022) aponta para o rendimento de imagens e vídeos (para isso o autor faz uma comparação com o *Facebook*). As imagens no *Instagram* têm 23% mais engajamento. Por sua vez, os vídeos têm 38% mais engajamento do que no *Facebook*. Ainda no quesito imagem e vídeo, as estatísticas detalhadas por Ahlgren (2022) revelam que fotos são 71.2% de todas as publicações realizadas no *Instagram*, e que os vídeos compõem 16.6% do total do material publicado no *Instagram*.

Esses dados nos são úteis para identificar o *Instagram* enquanto um território predominantemente constituído de fluxos discursivos-imagéticos. Por esse motivo, tomo as publicações no *Instagram* como material de discussões em torno da problemática e

gostos, escolhas e comportamentos subjetivos, mas sim, entrelaçamentos com agências coletivas: nos processos de sociabilidades; nas relações econômicas; nas práticas culturais; nos discursos de forma indissociável de todo e qualquer agenciamento dos modos de ser, ver e agir (Silva, 2023).

objetivo(s) aqui propostos. Nessa direção, apresento a pergunta problema que orientou esta pesquisa: como são produzidas masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*?

Por consequente, talhei com objetivo geral: cartografar modos de produção de masculinidades negras homoafetivas no *Instagram* a partir de publicações vinculadas a *hashtag*: #negrogay. Já como objetivos específicos, tracei dois eixos: 1) compreender como os marcadores raça, gênero e sexualidade atravessam as masculinidades negras homoafetivas via *Instagram*; e, 2) discutir sobre as expressões de masculinidades negras homoafetivas forjadas pela interseccionalidade raça, gênero e sexualidade no dispositivo de comunicação *Instagram*.

O *Instagram* quantifica e cria dinâmicas de conexões entre as pessoas que usam as *hashtags* em suas postagens. Nesse ponto, sinalizo para a possibilidade de construir territórios cartografáveis, baseado na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), que compreendem que tudo que é visível (discursivo-imagético) tem potencial para gerar conhecimento. Outro ponto argumentável sobre aplicação cartográfica se dá pela realização do fluxo de conteúdos realizados no *Instagram*.

Enfatizo novamente que o *Instagram* é uma rede social movida e alimentada por imagens. Por este motivo, realizei a coleta de registros de campo através de capturas de tela⁴ (do conteúdo veiculado a *hashtag* #negrogay), as quais geraram dados para análises. Nesta pesquisa, utilizei o mecanismo *hashtags* como canal para rastrear, coletar e registrar dados para construção do material de discussões. Essa escolha ocorreu devido à dinâmica de circulação de múltiplos perfis e atualização de postagens.

Dessa maneira, adotei a *hashtag* como procedimento de coleta de dados e um dos fundamentos para sustentação da metodologia construída pela cartografia. Explico também que não exclui os outros mecanismos de apresentação e interação, pois a *hashtag* direciona as publicações, *feed*, comentários e legendas.

Na estrutura do *Instagram*, os usuários utilizam as *hashtags* em suas publicações para promover engajamento e, ainda, direcionar seu conteúdo para pessoas que busquem ou publiquem questões semelhantes. Desse modo, a *hashtag* possibilita o uso da

4 As telas inteligentes de celulares, computadores, *tablets*, *notebooks*, entre outras interfaces digitais oferecem a possibilidade de fotografar a tela do que está sendo exibida durante o uso de *sites*, aplicativos, redes sociais, etc... Essa operação digital é nomeada do inglês de *screenshot* ou *print*, que numa tradução livre pode ser chamada de captura de tela.

cartografia de movimentação, singularidades, multiplicidades e (des)territorialidade a serem observadas.

Ainda saliente que através do mecanismo *hashtag* não tem como delimitar um conjunto de material específico a ser encontrado como, por exemplo, apenas fotos, apenas vídeos, apenas comentários (e nem é pretensão do processo cartográfico fragmentar o território-objeto), mas sim tudo que envolva e apareça na busca através da *hashtag*: negro + gay (*#negrogay*). Esses dois marcadores que orientam a pesquisa, raça e sexualidade, são atravessados pelo gênero e outros marcadores como regionalidade e corporalidades. É importante reafirmar que *vídeochamadas*, *lives* e *directs* não entram nesse mecanismo e nem tampouco fazem parte do processo cartográfico desta pesquisa.

Ainda nesta apresentação trago alguns aspectos técnicos. O primeiro está atrelado ao delineamento metodológico sobre a escolha de utilizar minha conta pessoal do *Instagram* como perfil-navegador para realização das coletas pela *#negrogay* e capturas de tela. Essa escolha se deu através da postura e relação de sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado que constitui a perspectiva de pesquisa-intervenção com as questões aqui estudadas. É válido ressaltar que essa escolha está alinhada à fundamentação da cartografia (Deleuze e Guattari, 2011), da inseparabilidade de sujeito-pesquisador e território-objeto, da perspectiva de compreender a produção de conhecimento enquanto uma afetação múltipla, situada e heterogênea.

Sobre o aspecto teórico-metodológico, sobretudo da coleta de dados, é oportuno mencionar que me provoca certo desconforto e conflito é o fato que o processo acadêmico-científico poderia de certo modo tornar os sujeitos produtores de masculinidades negras homoafetivas no *Instagram* em objetos. Isso porque, em certo grau, dizer que os modos de existências expressos no *Instagram* são objetos é tornar esses sujeitos que amam, choram, sorriem, trepam e que possuem suas trajetórias de vidas, nomes e sobrenomes em coisas: objetificação. Tal fato se configura em uma questão tênue e presente nas masculinidades negras. Contudo, penso que é algo estreito, pois o próprio processo de descrever, observar e discutir provoca uma noção de materialização do pensamento.

Com isso, pensar a problemática aqui levantada: "como são produzidas masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*?" é propor discussões de rupturas, críticas e possibilidades sobre a realidade social do uso do *Instagram* como um dispositivo

de comunicação na contemporaneidade participante da encruzilhada de raça, gênero e sexualidade, ou seja, buscar compreender o jogo das subjetividades (re)construídas e impostas por relações econômicas (capitalismo), culturais (machismo e heterossexualidade) e sociais (racismo e usos tecnológicos) vigentes e normativas nos modos ver e exercer as masculinidades. Dito isto, daqui pra frente, apresento as discussões que construíram a metodologia desta pesquisa.

ENTRELAÇAMENTO E POSICIONAMENTO COM O SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Antes de tudo, trago minha inspiração sobre o me posicionar teórico-metodológico em Lélia Gonzalez (1979, 1984, 1988, 2018). Gonzalez, penúltima filha de 18 filhos, nascida em Belo Horizonte, com filiação de pai negro, Acácio Joaquim de Almeida, e mãe de ascendência indígena, Urcinda Serafim de Almeida, teve acesso à educação e se tornou professora licenciada em Filosofia e História, antropóloga e mestra em Comunicação. Ela foi uma grande ativista e representante política sobre o debate do racismo, sexismo e educação entre as décadas de 70 a 90 no Brasil e fora do país.

Gonzalez (1979, 1984, 1988, 2018) é uma potência intelectual brasileira. Ela construiu uma base de reflexões críticas sobre as relações raciais no Brasil: através da corrente marxista (articulando o lugar dos sujeitos no sistema capitalista brasileiro). Seu trabalho teve como pauta as disputas de classe em diálogo com os fatores raça e sexo, com discussões de psicanálise em Freud e Lacan⁵, para pensar tais questões por meio do contexto histórico-cultural do Brasil enquanto categorias políticas.

Conheci essa importante figura através de entrevistas de filósofa brasileira e feminista negra Djamilia Ribeiro, em meados de 2017, quando a mesma ganhou notoriedade na mídia e no meio acadêmico com a discussão e lançamento do seu livro “Lugar de Fala”. Desde então, iniciei leituras de Lélia Gonzalez e outras autoras e autores como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, bell hooks, Carla Akotirene, Abdias

5 “E, se levamos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como um fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que é por esta razão que a cultura brasileira é eminentemente negra. E isto, apesar do racismo e de suas práticas contra a população negra, enquanto setor concretamente presente na formação social brasileira (Gonzalez, 2018, p. 41).”

Nascimento, Stuart Hall, Silvo Almeida dentre outras(os). O conjunto dessas(es) pensadoras(es) me possibilitou um letramento epistêmico e teórico-metodológico para abordar as relações raciais em sua complexidade estrutural, histórica, cultural, econômica e social, bem como me inspiram enquanto um jovem pesquisador.

Gonzalez (1979, 1984, 1988, 2018) teceu e se posicionou na categoria político-cultural amefricanidade. Nas palavras de Gonzalez (1988, p. 76-77), sobre amefricanidade:

As implicações políticas e culturais de categoria de *Amefricanidade* (*"Amefricanity"*) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais aprofundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como a: Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria *Amefricanidade* está intimamente relacionada àquelas de *Panafricanismo*, *"Négritude"*, *"Afrocentricity"*, etc. Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a Améfrica, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos.

Segundo Gonzalez (1988), esse complexo agrupamento de sujeitos e fatores, a amefricanidade, alcança e designa toda a descendência de africanos de diversos países trazidos pelo tráfico negreiro à América. A mesma, hoje, exerce um papel crucial nas experiências desses sujeitos em diáspora. Para a autora, o ponto que converge em meio às diferentes sociedades em que foram alocados e se desenvolveram esses sujeitos é o racismo enquanto um modelo de dominação, elaborado a partir de um pensamento ariano⁶ que age desde os níveis de pensamento até as diversas e diferentes instituições das sociedades.

⁶ Esse termo utilizado pela autora refere-se à composição da ideologia de embranquecimento que se trata de um conjunto de fatores e sub-condicionamentos sócio-históricos, culturais, científicos, religiosos, políticos e econômicos no contexto ocidental que pressupõe uma suposta superioridade de pessoas brancas europeias sobre pessoas negras.

Gonzalez (1988) aponta que a configuração das divisões geográficas, o uso da linguagem e a necessidade de uma centralização de países Ladinos⁷ colonizados por países ibéricos (lusó-espanhol) direcionam para uma ordem inconsciente vinda de origens europeias e brancas (a partir de suas formações históricas) no sentido de não reconhecer os povos dominados como construtores de relevância das sociedades colonizadas. Sendo assim, essa constatação não afeta a formação apenas de pessoas pretas e pardas, guiadas pela configuração do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas a todos ladinoamericanos (Gonzalez, 1988).

Nessa direção, vejo potência epistêmica no **pretuguês** que Gonzalez apresenta, para falar de mim, ou melhor dizer, de nós negros, como uma forma de construir materializações de conhecimento que desbundem com o poder dominante. Conforme Gonzalez (1984, 1988), os falares africanizados nos diferentes países da América têm suas semelhanças. O que a autora chama de **pretuguês** é a marca da africanização do português no Brasil, lembrando que os colonizadores chamavam os africanos escravizados de “pretos” e de “crioulos” (os nascidos no Brasil).

Com a concepção de amefricanidade posso pensar as relações geográficas em confluências com os modos de existência e experiências negras em diásporas. Localizo este estudo — a produção de masculinidade negra homoafetiva no *Instagram* — como um território existencial complexo, tensionando tal questão, como aponta Gonzalez (1988): uma categoria político-cultural imbricada em processos históricos e sociais em que raça, gênero e sexualidade estão em jogo.

Para tanto, o território é um espaço subjetivo e em movimento. Ele é um conjunto de comportamentos, representações, espaços sociais, culturais, linguísticos com demarcação temporal, ou seja, situado no tempo e espaço, conforme salientam Deleuze e

⁷ Gonzalez (1988) compreende uma América Africana porque, na ausência de uma latinidade, teve seu “t” trocado pelo “d” para assim poder assumir o seu nome *América Ladina*. “[...] Lélia Gonzalez, pensadora brasileira que reposicionou a região colonizadora. *América Ladina*, criticando o monoculturalismo epistêmico dos Estados Unidos. A amefricanidade proposta por Lélia Gonzalez, na década de 1980 e, em seguida, a abordagem decolonial, consolidada nos anos 2000 de modo cabal, através de Maria Lugones, pensadora argentina, criticam a postura missionária da civilização ocidental – metodologicamente interseccionam as estruturas de raça, gênero, sexualidade, nação e classe, estabelecendo coro latino-americano contra o colonialismo, imperialismo e monopólio epistêmico ocidental. As duas concepções rompem ficções do discurso hegemônico estadunidense que vê a “América” com um capitão salvador do resto do mundo, e não calha de sê-lo, nem no item Norte Global, segundo Lélia Gonzalez, voz desobediente nas Ciências Sociais, expositora do sexismo e racismo na cultura brasileira (Akotirene, 2019, p. 32-33).”

Guattari (2011) e Guattari e Rolnik (1996). Desse modo, este estudo parte da compreensão do *Instagram* como vetor dos processos de produção de subjetividades no contemporâneo. Assim, explorar o uso das experiências de homens negros homoafetivos via *Instagram* é pensar em processos de produção de territórios de existências.

A historiadora norte-americana Joan W. Scott (1998) auxilia a pensar a experiência como parte da reflexão teórico-metodológico nesta pesquisa. Scott (1998) inicia seu texto apresentando Samuel Delany como homossexual, negro, escritor de ficção científica. Além disso, apresenta seus escritos e experiências na autobiografia: *The motion of light in water: Sex and Science Fiction Writing in the East Village*⁸ de 1988. Nessa obra é ressaltada a demanda de escrever sobre a história da diferença, temática de discussão da autora. Para tanto, Scott (1998) realiza um deslocamento da noção canônica de evidência do campo da História, movendo de um pensar ortodoxo para um pensar sobre a diferença⁹ como um instrumento de documentação.

A autora aponta que a noção de evidência é ambígua nesse campo, pois as narrativas de “evidências” estão geralmente relacionadas a interpretações dominantes. Em outras palavras, o olhar “do outro”, a possibilidade de poder representar “o outro”, ao presumir que os fatos da história falam por si só (Scott, 1998), implicam numa ideia de oposição natural e/ou estabilização de convecções sociais. Um exemplo é a tensão entre homossexualidade e heterossexualidade, na qual ambas são situadas em regras sociais e sistemas ideológicos cujas as categorias (homossexual/ heterossexual, homem/mulher, branco/negro/ etc...) são operadores que significam mediante a origem e causas

8 Tradução livre: “O movimento da luz na água: sexo e ficção científica escrevendo no East Village”.

9 “É precisamente esse tipo de apelo à experiência como evidência incontestável e como um ponto originário de explicação - como um fundamento sobre o qual a análise se baseia - que enfraquece a investida crítica das histórias da diferença. Ao permanecer dentro da estrutura epistemológica da história ortodoxa, esses estudos perdem a possibilidade de examinar aquelas suposições e práticas que excluam considerações acerca da diferença. Tomam como evidentes as identidades daqueles/as cujas experiências estão sendo documentadas. e, assim, naturalizam suas diferenças. Localizam a resistência fora de sua construção discursiva, e reificam o agenciamento como um atributo inerente aos indivíduos, e dessa forma o descontextualizam. Quando a experiência é considerada como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual (a pessoa que teve a experiência ou o/a historiador/a que a relata) torna-se o alicerce da evidência sobre o qual se ergue a explicação. Questões acerca da natureza construída da experiência, acerca de como os sujeitos são, desde o início, constituídos de maneiras diferentes, acerca de como a visão de um sujeito é estruturada - acerca da linguagem (ou discurso) e história - são postas de lado. A evidência da experiência, então, torna-se evidência do fato da diferença, ao invés de uma maneira de explorar como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que vêm e agem no mundo” (Scott, 1998, p. 25-26).

veiculadas ao sujeito. Com isso, podemos observar agenciamentos nos modos de ver e criar do “outro” a partir das “categorias do sujeito”.

Delany e sua experiência em uma sauna na década de 60 é um eixo de diálogo e explicação desta perspectiva de história da diferença. Sobre isso, Scott (1998, p. 19) discorre:

Ao escrever sobre a sauna, Delany não procurava ‘romantizar aquela época transformando-a em cornucópia de abundância sexual’, mas sim quebrar um silêncio público absolutamente sancionado’ nas questões de prática sexual, revelar algo que existia, mas que fora suprimido.

Narrativas de “seres pervertidos”, “desviados” e “isolados” são modos de representar sujeitos homossexuais e suas práticas sexuais. Mas na visão de Delany (Scott, 1998), isso se configura como um caminho de possibilidades de consciência política e identitária de compor um movimento, e mesmo que essas narrativas subterrâneas e de silêncios impostos sobre a diversidade de práticas sexuais humanas sejam postas, o movimento se torna visível e quebra o silêncio.

Nas discussões acima apresentadas por Scott (1998) é interessante perceber que as práticas sexuais postas pela experiência de um sujeito homossexual direcionam a agenciamentos de visibilidades e outros modos de compreender homoafetividades. Isso, num contexto de hegemonia branca e de classe média, produz significações e representações de poder ser desejado, amado ou sexualizado. Tal fato se aproxima de agenciamento das relações de categoria sociais, normativas e/ou marginalizadas. De acordo com Scott (1998, p. 44):

A questão da representação é central às memórias de Delany. É uma questão de categorias sociais, compreensão pessoal e linguagem, todas as quais estão inter-relacionadas, e nenhuma das quais é, ou pode ser, um reflexo direto das outras. O que significa ser negro, gay, escritor, ele pergunta: existe um domínio da identidade pessoal fora das restrições sociais? A resposta é que o social e o pessoal estão imbricados um no outro e que os dois são historicamente variáveis. Os significados das categorias da identidade mudam, e, com eles, as possibilidades para se pensar o “*self*”.

Para tanto, a autora defende que a evidência da experiência ganha força enquanto referencialidade. E, ao dialogar com a memória de Dalany, observa que a obra e as descrições que nela estão, funcionam como documentação de existências de instituições,

sujeitos e grupos com possibilidades de variedade e multiplicidade de tornar histórico o que ficou fora da história. E isso tudo, na avaliação de Scott (1998), direciona a existências de práticas e valores alternativos que desmentem construções hegemônicas e construções sociais estabelecidas.

A partir de Scott (1998) é possível pensar que os sujeitos em um tempo e espaço produzem significações para categorias sociais pela diferença. Para Scott (1998), o gênero, a raça e a classe social são categorias sociais e constituídas/fundamentadas por relações de poder. Essas podem trazer identificações para sujeitos que compartilham dessas categorias sociais, porém cada um desses sujeitos representa a multiplicidade de suas experiências. Nessa perspectiva, a autora compreende a importância de se recorrer à experiência como origem e evidência para análises. Conforme Scott (1998, p. 301-302, [sic], grifos meus):

Tomam como auto-evidentes as identidades daqueles cuja experiência está sendo documentada, e, dessa forma, tornam naturais suas diferenças. Estes estudos localizam a resistência fora de sua construção discursiva e retificam a **representação [agenciamento]** como um atributo inerente aos indivíduos, descontextualizando-a. Quando a experiência é tomada como a origem do conhecimento, **a visão do sujeito** (a pessoa que teve a experiência ou o historiador que a reconta) torna-se o suporte da evidência sobre a qual a explicação é elaborada. Questões sobre a natureza construída da experiência, **como assuntos são construídos como diferentes, como a visão de alguém é estruturada** - sobre linguagem (discurso) e história – são deixadas de lado. A visibilidade da experiência se torna então evidência do fato da diferença para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo.

Nesse sentido, entendo a experiência como um processo de construção de sujeitos no qual as relações sociais, as condições materiais, as individualidades e as discursividades produzem conhecimentos. Neste ponto, argumento que esses jogos de práticas coercivas na produção de masculinidades podem ser visualizados no *Instagram*.

Sendo assim, a configuração da estrutura digital, os formatos de foto e vídeos de publicação na rede social, as aplicações de edições — por exemplo, os filtros da câmera do *Instagram* possibilitam suavizar e afinar o traços físicos e clareia a cor da pele —, as relações algorítmicas — ao curtir, comentar, salvar ou compartilhar conteúdos e *links* na rede social —, subjetivas e os interesses econômicos e políticos participam da formação das categorias sociais para os sujeitos: do individual ao coletivo, os quais geram efeitos

de diferença que viabilizam o que se narra, como se narra, e o que/quem é narrado como “o outro”.

Explicada minha inspiração da experiência como produção de conhecimento pela encruzilhada¹⁰, como também apresentada uma reflexão sobre experiência com Scott (1998), é que me direciono à emergência em buscar meios de discutir a produção e a práticas de masculinidades negras homoafetivas na contemporaneidade, em que as experiências e interseccionalidades sejam orientações para um caminho teórico-analítico fértil.

Dito isso, um ponto importante a sinalizar sobre esta pesquisa é o uso de imagens capturadas no *Instagram*, as quais compõem este território-objeto e mapa-pesquisa. Para tanto, é necessário explicitar o documento que regulamenta o uso de imagens em pesquisas científicas no Brasil, especificamente para as Ciências Humanas e Sociais (CHS), que é a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Essa resolução considera e permite o uso de material imagético em pesquisas desde que contribuam para o desenvolvimento humano que contempla as esferas sociais e culturais seguindo a ética e procedimentos científicos. Nossa pesquisa não provoca a violação dos sujeitos reproduzidos nas imagens, pois todas as capturas de tela registradas ao longo do processo cartográfico (procedimento científico) foram feitas em perfis públicos (informações identificáveis) e não alterou o que se foi coletado (capturas de tela).

Aqui, invoca-se o agir ético do pesquisador e o respaldo do uso das imagens dos participantes através da seguinte relação. Para tal, esta pesquisa se ampara em suportes teórico-metodológicos e técnicas científicas. O processo de análises busca uma reflexão para as CHS, especificamente para o campo da Comunicação, com enfoque nas subjetividades e nos usos de dispositivos de comunicação. Assim, esta pesquisa contempla e respeita as diretrizes que são propostas na Resolução nº 510/2016 do CNS.

Também é válido explicar que no *Instagram*, ao realizar o cadastro para criar um perfil, o usuário aceita os Termos de Uso e a ele são explicitadas as normativas de uso dessa rede social. Ao se tornar um usuário do *Instagram*, os sujeitos podem ter sua conta

10 Em minha dissertação, na discussão sobre gênero, convido Exu para ser uma inspiração para pensar a produção de masculinidades negras homoafetivas. “Desse modo, assumo uma postura interseccional para tecer ideias/noções sobre masculinidade negras que não criem hierarquia do ser homem, do ser negro, do ser que deseja, mas sim uma encruzilhada em que esse ser é marcado pelas experiências de raça, gênero e sexualidades” (Silva, p.74, 2023).

privada ou pública. Na opção privada, é possível restringir os usuários que podem ter acesso às suas publicações para quem ativa o modo privado, isso através do mecanismo de aceitar ou recusar a solicitação de alguém como seguidor que poderá acompanhar publicações e interagir no perfil privado. Já a opção da conta pública, deixa a possibilidade de compartilhamento aberto para quem desejar visualizar e compartilhar todo conteúdo dentro dos Termos de Uso do *Instagram*. Dessa maneira, deixo em evidência que o material coletado e exposto (capturas de tela) na pesquisa foi realizado em contas públicas.

ACOMPANHAR PROCESSOS: FERRAMENTAS E EIXOS DE ANÁLISES PARA CARTOGRAFAR

É preciso destacar que a produção de subjetividade é algo que não tem fixação. Tal fenômeno está a todo momento se movimentando. Deleuze e Guattari (2011) dão as operações iniciais para o uso da orientação cartográfica como uma base teórico-epistemológica para a pesquisa. Porém, é partir das leituras de Guattari e Rolnik (1996), Rosário (2008), Costa (2014), Rolnik (2016), Rosário e Coca (2018), Barros e Kastrup (2020), Kastrup (2020), Alvarez e Passos (2020), Passos e Eirado (2020) que visualizo e construo os procedimentos metodológicos.

Esses autores e autoras dialogam com Deleuze e Guattari (2011) e formulam “pistas” para cartografar. Os(As) mesmos(as) salientam que não tem como fixar um manual. Porém, existe uma concordância sobre o uso do diário de campo como uma ferramenta produtiva no processo de cartografar. Aqui, o diário de campo é tomado como ferramenta de registros e material de análises, seguindo a proposta de antimétodo. Com essa ferramenta, o cartógrafo data todas as experiências, informações, afetações, transformações e observações que o mesmo apreende na relação com o território.

Com o uso (e periodicidade estabelecida pelo cartógrafo), o diário de campo possibilita registros e a construção de dados para análises e outras articulações. Outubro de 2021 foi o marco inicial do meu processo de registros, realizando mensalmente capturas de tela e registros em diários de campo. Inicialmente tive como pretensão cartografar um ano de #negrogay, o qual iria delimitar-se a 2022, dando ênfase aos meses

de junho, por celebrar mundialmente o mês do Orgulho LGBTQIAP+¹¹ e o mês de novembro, por ser reconhecido no Brasil como o mês da Consciência Negra. Iria tomar essas datas como estratégicas, partindo do pressuposto de movimentações políticas e identitárias.

Contudo, percebi após alguns meses que manter este pressuposto seria algo danoso para a proposta: acompanhar processos. Como também estaria limitando a própria aplicação metodológica ao negar o processo cartográfico e registros dos meses iniciados em 2021. Ainda a partir dos(as) autores(as) supracitados(as), compreendo como “regra” do procedimento metodológico realizado pelo cartógrafo o contínuo *exercício de observar, registrar e refletir* sobre o que é encontrado e afetado pelo território-objeto, pois, a paisagem é construída na medida em que se caminha pelo território.

Desse modo, não tem como parar um processo. Ele se movimenta independentemente da vontade do cartógrafo, ou seja, circunstâncias poderão afetar a construção do mapa (análises). A capacidade de flexibilidade e de tomadas de decisões devem estar alinhadas ao foco que orienta a construção do mapa para não se perder do objetivo central da pesquisa.

Nesse sentido, prossegui com o processo de coletas e de registros mensais durante o ano de 2022. A partir dessa datação, tomei como pretensão encerrar em outubro de 2022 o procedimento de coleta, para assim, obter o quantitativo de um ano de registros: pois o marco inicial da pesquisa foi outubro de 2021. Contudo, em julho de 2022, ao integralizar 10 meses de coletas e registros — com exceção do mês de abril de 2022. Nesse mês não realizei coleta, apenas monitoramento da *hashtag* #negrogay, quando encerrei o procedimento de coletas. Portanto, o processo cartográfico estava com 10 meses de coleta e registros já contabilizava um volume de 1.221 mil capturas de tela.

Para tal, é importante afirmar que a coleta aqui realizada foi operacionalizada de modo manual, ou seja, sem o recurso de *sites*, aplicativos ou sistemas de coleta de dados. Isso foi pensado de forma estratégica e qualitativa, visando a apreensão da produção de masculinidades negras homoafetivas no *Instagram* através de um perfil comum: um

11 Esta sigla representa a luta política e social da comunidade formada por pessoas que se identificam e expressam nas seguintes orientações sexuais e identidades de gênero: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, Arromânticas, Agênero, Panssexuais, Polissexuais, Não-binárias e mais expressões de gênero e orientações sexuais.

sujeito que faça uso da rede social no dia a dia e tenha as afetações de práticas sociais, comunicacionais e subjetivas emergidas no território-objeto.

Assim, em decorrência da não utilização de algum sistema artificial de coleta e seleção para as capturas, considere um volume grande a ser organizado. Por isso que não segui com a pretensão em realizar um ano de registros. Além disso, a própria posição de reflexão do processo cartográfico propõe a relação de rastreo, captura e seleção do material (*corpus*), ou seja, o que permanece ou é excluído do mapa-pesquisa atendendo ao objetivo que orienta o estudo. Confira o fluxo do uso de publicações conectadas a *hashtag* #negrogay durante o processo cartográfico:

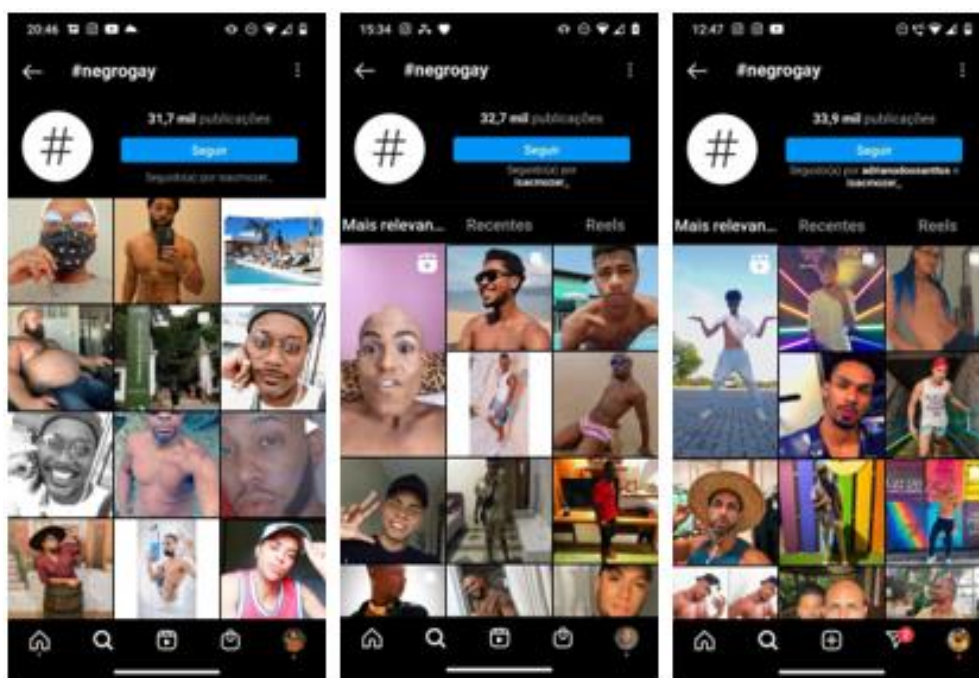
Quadro 01: Números do uso mensal da #negrogay de outubro de 2021 a julho de 2022

Out 2021	Nov 2021	Dez 2021	Jan 2022	Fev 2022	Mar 2022	Abr 2022	Mai 2022	Jun 2022	Jul 2022
30,5 mil	30,6 mil	31,7 mil	33,9 mil	32,7 mil	33,3 mil	33,4 mil	33,8 mil	33,9 Mil	33,7 mil

Fonte direta, 2024.

O Quadro 01 apresentado anteriormente foi construído a partir do material coletado e datado nesta pesquisa. Confira algumas capturas que apresentam o número de uso da #negrogay:

Imagem 01: capturas da busca #negrogay em sequência - Dezembro (2021), Fevereiro e Junho (2022)



Fonte: Reprodução do *Instagram*, 2021, 2022.

Os dados apresentados no quadro exposto aqui servem para perceber a movimentação no uso da *hashtag*, reafirmando o fator de processualidade, o qual não necessariamente tende apenas a crescer, como da transição do mês de janeiro para fevereiro de 2022, quando ocorreu uma queda, e o mesmo aconteceu entre os meses de junho e julho. Não sei explicitar o que causou essas oscilações, mas é notório que a *hashtag* tem uma certa estabilidade no quesito crescimento e periodicidade no uso dela.

Ainda sobre esses dados, há algo interessante a destacar sobre um dos aspectos levantados: em junho, mês alusivo ao Orgulho LGBTQIAP+, poderia ser um mês que a *hashtag* poderia ser mais utilizada. Isso aconteceu de fato. Publicações vinculadas a #negrogay alcançaram 39,9 mil conexões. Porém, em janeiro, houve a mesma quantidade de conexões pela mesma *hashtag*. Isso implica dizer que a especificidade temática de determinado mês não delimita ou não é o único fator que impulsiona as movimentações de uma *hashtag*.

A seguir apresento o Quadro 02 que foi construído enquanto uma interpretação coletiva que parte da mesma matriz deleuze-guattariana. Para tanto, trata-se de uma apropriação das ferramentas cartográficas escolhidas para esta pesquisa.

Quadro 02: Ferramentas para cartografar

OBSERVAÇÃO

Desenvolvimento dos olhares para o território com sensibilidades, tais como: ver, sentir, ouvir o que o território “está falando”. Esse procedimento é feito de modo participativo, pois é o estar em campo e movimentar por ele que possibilita o desenvolvimento de desestabilizar o território, bem como o desnudamento do cartógrafo de concepções sobre o que se propõe a analisar.

DESCRIÇÃO

O ato de descrever o que se observa em campo é um exercício de visualizar o que se capturou durante a relação com o território.

REGISTRO

O ato de registrar paisagens, falas, imagens, sentimentos, sons, tudo aquilo que é perceptível no território em análise se configura como um procedimento de coleta e arquivamento de dados e informações, os quais irão produzir o material que servirá de base para as discussões e análises.

POSIÇÃO REFLEXIVA DO CARTÓGRAFO

A postura de atenção e mediação durante todos os procedimentos de construção do mapa está ligada ao exercício crítico e reflexivo do cartógrafo. Essa capacidade não é algo dado, mas sim desenvolvida durante o processo de cartografar. Contudo, é necessário deixar em evidência os interesses e as relações com a pesquisa-território, as afetações e exercitar o desnudamento de possíveis concepções acerca do que está sendo estudado.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir das leituras de Deleuze e Guattari (2011) Guattari e Rolnik (1996), Rosário (2008), Costa (2014), Rolnik (2016), Rosário e Coca (2018), Barros e Kastrup (2020), Kastrup (2020), Alvarez e Passos (2020) e Passos e Eirado (2020)

Todos esses procedimentos ocorrem de forma dialógica durante o processo do cartografar, ou seja, são interdependentes e complementares. Ainda há como parte do procedimento metodológico cartografar a leitura constante e reflexiva sobre questões pertinentes ao território em estudo. Os processos de observação, descrição e registro foram realizados por meio do acompanhamento mensal da #negrogay (contando principalmente com o diário de campo).

A partir disso, à medida que o material foi capturado, tornou-se possível realizar a reflexão sobre a organização do mesmo. Com o material em mãos, foram apreendidas características semelhantes, no que diz respeito aos sujeitos (referente aos fenótipos), cenários (os espaços físicos; praias, piscinas e academias são predominantes, como também cenários simbólicos; festas e outros espaços culturais) e práticas (sociais: trabalho, relacionamento, estudo, lazer entre outras) veiculados a #negrogay.

Dessa maneira, identifiquei, descrevi e relacionei tais elementos ao material teórico aqui trabalhado. Assim, sistematizei os seguintes agrupamentos de discussões para análises: **Narrativas micropolíticas** e **Corporalidades**. No primeiro agrupamento, **Narrativas micropolíticas**, argumento como a percepção do uso e/ou apropriação do dispositivo de comunicação *Instagram*, bem como da #negrogay e dos conteúdos atrelados a mesma como formas de narratividades micropolíticas do cotidiano para as masculinidades negras homoafetivas. Para tal, me aproprio do termo micropolítica a partir da proposta de Guattari e Rolnik (1996) que me auxilia a entender a micropolítica pela ótica da insubordinação: o confronto das produções de subjetividades impostas como modelos, ou seja, perceber a relação opressão e alienação que fabrica e modela através do que foi posto socialmente, para uma ordem de expressão e criação em que o indivíduo desejante reapropria da subjetividade, produzindo processos e modos de existências na vida social.

Por sua vez, o segundo agrupamento, **Corporalidades**, subdividi as análises em dois tópicos, os quais nomeie de “Negão” e “Bixa preta”. Esses nomes foram atribuídos através de um duplo movimento de identificar uma certa perpetuação de estereótipos e normatização no material coletado. Em certo grau, esse duplo movimento choca e faz avançar a problemática deste estudo. O chocar reside no fato das imagens-estereótipos “Negão” e “Bixa Preta” constituírem valorizações atribuídas as masculinidades negras homoafetivas no imaginário social da cultura brasileira. Já o avançar, reside justamente

no processo da encruzilhada, no (des)encontro das experiências que produzem outras e múltiplas expressões e significações sobre projeções de masculinidades negras homoafetivas via *Instagram*. Em outras palavras, a possibilidade de abertura ou (des)territorialização face aos processos multideterminados que cria e move as imagens-estereótipos “Negão” e “Bixa Preta”, conforme Guattari (1992), Deleuze e Guattari, (2011) e Guattari e Rolnik (1996).

É pertinente dizer que as discussões teóricas nos auxiliam a entender melhor o agrupamento de sentidos em torno das sistematizações das análises e na discussão da mesma. Entretanto, não realizei uma teorização para trabalhar os agrupamentos — **Narrativas micropolíticas e Corporalidades** — através de teorias prévias, mas sim uma sistematização por meio do material coletado e alguns debates em torno das noções de “Negão” e “Bixa Preta” discutidos na minha dissertação. Sobre isso, explicito que “Negão” e “Bixa Preta” não se tratam de categorias ou polos, mas sim agrupamentos de sentidos para dialogar com as múltiplas expressões de masculinidades negras homoafetivas projetadas e intermediadas no *Instagram* e pela #negrogay.

O material utilizado na dissertação foi escolhido seguindo uma lógica de cruzamento da ordem de datação em paralelo com as características e semelhanças das capturas. Isso, seguindo a objetivo central da pesquisa. Para tal, os critérios de seleção basearam-se:

Quadro 03: Critérios e elementos para a escolha do material de análises

1. **Contexto da publicação:** em movimento, ou seja, assim considere os espaços e conteúdo (situar o tempo-espaço) das publicações como indicadores da configuração dos cenários expostos.
2. **Publicações que expressam aspectos de interseccionalidades:** isso me valendo dos elementos discursivos imagéticos das publicações; bem como são nomeados os sujeitos (e como os mesmos se nomeiam e/ou se descrevem), como também a identificação e interpretação dos marcadores sociais através de elementos como roupas, acessórios, espaços, aspectos culturais, simbólicos, fenótipos e considerações sócio-históricas.
3. **A repetição de semelhanças nas capturas:** o compartilhamento dos critérios (e elementos) 1 e 2 presentes e em comum nas capturas, os quais externam sentidos e características semelhantes.

Fonte direta, 2024.

Neste trabalho, a pertença e a anunciação de marcadores sociais, como raça e sexualidade, são compreendidas como narratividades políticas, ou seja, uma forma de posicionamento sobre o mundo e não necessariamente uma questão cristalizada na

identidade e/ou singularização. O aspecto de processos de pertencimento enquanto narratividades políticas se constituem enquanto um elemento que fundamenta o eixo de discussão: **Narrativas micropolíticas** (é preciso reafirmar que o termo micropolítica é uma apropriação das discussões de Guattari e Rolnik, (1996)).

Para tanto, tomei como critério as semelhanças no material já citado anteriormente, ou seja, recorri a observação empírica do material coletado. Primeiro fato percebido foi presença contínua de páginas que geram conteúdo sobre discussões políticas e sociais feitas por páginas de conteúdo ou perfis que abordavam sobre negritudes, empoderamento e notícias do universo LGBTQIAP+ e negro para forjar o eixo de discussão **Narrativas micropolíticas**.

Outro aspecto presente no material cartografado é a predominância de fotografias nos perfis (e as páginas já citadas anteriormente) em que os sujeitos estão sem camisa ou apenas de roupa íntima (cueca ou sunga). Em vista disso, compreendi os corpos, suas diversidades, como também uma certa normatização de corpos definidos como predominantes. Essas questões provocaram a necessidade de discutir o segundo eixo de discussão: **Corporalidades**.

No que toca à seleção do material, considerei que não seria viável inserir 1.221 mil capturas de tela em um artigo científico de cunho qualitativo. Assim, alinhado aos mesmos critérios de semelhança dos agrupamentos de discussões junto ao fator temporal, formulei a ordem das discussões nos mesmos atendendo ao aspecto processual. À vista disso, as escolhas das capturas para as análises foram organizadas valendo-se do aspecto sequencial e mensal do material coletado (dessa maneira é válido dizer que não é simétrica a quantidade de capturas por eixo de discussão). Dessa maneira, elegi as capturas para realizar as análises relacionadas em consonância qualitativa aos eixos de discussão articulados na pesquisa.

As reflexões dos professores em Psicologia Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2020) sobre o *ethos* do sujeito-pesquisador no fazer da pesquisa a partir do método cartográfico me auxiliou na construção da pesquisa. Os autores sinalizam para os atos de acompanhar, cultivar e aprender com a relação com território-objeto estudado.

Deleuze e Guattari (2011) são os responsáveis por propor a cartografia como uma maneira de pensar o processo de produção do conhecimento que desloca de uma perspectiva hierarquizada: arbórea (a análise de uma árvore vista apenas da superfície,

dividida e estudada de forma segmentada: raiz, caule, folhas e frutos; uma perspectiva cartesiana), para uma visão geográfica, rizomática.

O rizoma, uma inspiração botânica da estrutura das ramificações de raízes, ou a abordagem rizomática é um dos conceitos-chave de Deleuze e Guattari (2011) para pensar a cartografia. Esse fundamento propõe e ressalta a multiplicidade do pensar a produção e organização do conhecimento como uma potencialidade. O encontro de linhas segmentadas e linhas de fugas pode ser compreendido como uma criação e sistematização de saber em torno de um processo. Nessa abordagem, a interpretação não se dá de forma distante do sujeito produtor do conhecimento, mas sim "no entre": no fazer e estar; na relação e composição; e, no sujeito e território.

Alvarez e Passos (2020) dialogam com Deleuze e Guattari (2011) e sugerem a produzir um “saber com”, e não um “saber sobre” que visa controlar as variáveis de algum processo como algo fixo. Na perspectiva do “saber sobre”, os autores destacam que “visa-se à neutralidade do conhecimento e, para tal, a distância entre sujeito e objeto é condição de possibilidade da verdade científica” (Alvarez e Passos, 2020, p. 143). Ao longo do texto, Alvarez e Passos (2020) apresentam uma crítica sobre o modo de pensar a produção de conhecimento pelo viés do distanciamento e recusa da presença do sujeito-pesquisador, argumentando que a busca do “controle” do objeto é utilizada como um pressuposto para validação do que se produz de conhecimento enquanto verdade. Ou seja, essa perspectiva/crítica implica em entender que só é “conhecimento” se passar pela validação do “controle” através do distanciamento e da neutralidade frente ao que está sendo analisado.

A partir de Alvarez e Passos (2020), compreendo o lugar da relação/experiência com território-objeto como um modo de produzir conhecimento, o qual se distancia da perspectiva de ver o objeto como um experimento sem continuidade. Nesse processo, cabe ao sujeito-pesquisador agenciar os acontecimentos e achados do evento estudado e não o controlar.

É preciso dizer que a cartografia está impregnada nesta pesquisa desde a construção do território-objeto à escrita do texto. É necessário fazer uma ressalva sobre a relação sujeito-pesquisador e território-objeto a partir das considerações de Eduardo Passos e André do Eirado (2020) sobre a dissolução do ponto de vista do observador, defendendo a observação sem ponto de vista e pensando a cartografia como possibilidade

de produção de conhecimento, sobretudo visando o acompanhamento de processos de produção de subjetividade.

Nesse sentido, compactuo sobre a compreensão do processo de investigação em postura semelhante a Nascimento (2016, p. 47), que reconhece que não se interessa no “[...] exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida.” É nessa direção que proponho refletir problemáticas no campo da Comunicação sem melismas academicistas que fogem de posicionamentos e afetos como a postura do pertencimento e afetações de desejos.

Ainda sobre essa postura, caminho com Nascimento (2016, p. 47) ao compartilhar seu pensamento, quando afirma que: “quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada”. Ou seja, evidenciar os interesses e pertença no fato de fazer parte do que se estuda e ter consciência histórica e relação (Nascimento, 2016) com seu grupo étnico-racial de pertencimento não o desvincula do rigor do fazer científico ao realizar reflexões sobre o debate racial e sobre negritudes no Brasil.

SOBRE A ORIENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

Nesta subseção, apresento conceitos que fundamentam a cartografia. Como já dito, Deleuze e Guattari (2011) são os pensadores responsáveis por conceber a cartografia como uma maneira de pensar o processo de produção do conhecimento como paisagens. Eles defendem que o conhecimento não é dado, fixo ou uniforme, mas sim um processo aberto, contínuo e (re)conectável.

Esses autores, sob um olhar filosófico, discorrem sobre a cartografia como uma proposta teórico-metodológica e também enquanto possibilidade de um antimétodo: modo de como fazer; territorialização e desterritorialização. Os autores apresentam o rizoma como uma forma de articular a orientação cartográfica. Nessa visão, são postos os seguintes princípios: heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante e cartografia. Com isso, Deleuze e Guattari (2011, p. 30) concebem que:

[...] mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.

O termo e a noção de cartografia remetem à ciência que produz mapas. Cartografar é um ato de estar em um território, de explorar caminhos, de dar passagem e de produzir conhecimentos do lugar cartografado. A obra “Mil Platôs”, de Deleuze e Guattari (2011), oferece articulações do cartografar para o campo da filosofia, política e subjetividade enquanto uma prática de pesquisa e análise, conforme Rosário (2008), Costa (2014) e Rosário e Coca (2018).

Para explicar a orientação rizomática que é peça basilar do processo cartográfico, recorro a explanação de Rosário (2008) sobre o pensamento de Deleuze e Guattari. Conforme Rosário (2008, p. 19), esses autores formulam que:

Uma reflexão sobre a vida e as vivências experimentadas pelo ser humano permitirá entender que elas não se constituem numa ordenação de linhas retas e contínuas, de estabilidade, de equilíbrio ininterrupto e de harmonia constante. Portanto, uma das perspectivas da vida e da existência é o rizoma, já que se compõe de segmentaridades, diversidades, estratos, imprevistos, de linhas de fuga, territorializações, desterritorializações, bem como de trajetos em várias direções que podem se atravessar, se cruzar, se interligar e se aglomerar. Isso faz com que cada vivência seja única e, ao mesmo tempo, caótica – termo entendido aqui como uma outra organização, apenas. A ordem, conforme é concebida tradicionalmente, é fruto de um arranjo ao qual o olhar já está acostumado/habitado e, por isso, julga que a entende. Esse olhar, contudo, pouco vê. Talvez a melhor maneira de visualizar o conceito abstrato do rizoma seja mediante a representação das sinapses entre os neurônios – isso é um rizoma -, ou então das raízes da grama que não têm início, fim, ou centro. O rizoma é esse emaranhado que compõe a vivência humana, mesmo que desejemos desesperadamente dar a ela o arranjo da ordem hegemônica. O rizoma é uma mescla de tramas que se combina, se mistura, se embaralha, se junta e se afasta.

Nessa orientação de pesquisa, a construção metodológica não se constitui como um método prescritivo. Nisso reside o caráter de pesquisa-intervenção, em que não são estabelecidas regras para se encontrar resultados. Segundo Passos e Barros (2020), o caminhar sobre o território traz as pistas na relação objeto, pesquisador e achados.

Além de não partir de prescrições apriorísticas, a orientação cartográfica não busca a produção de conhecimentos sobre uma lógica universalizante. Para Costa (2014, p. 71):

A cartografia não tem um único modo de utilização, não busca estabelecer regras ou caminhos lineares para que se atinja um fim. O pesquisador-cartógrafo terá que inventar os seus na medida em que estabelece relações e passa a fazer parte do seu próprio território de pesquisa.

Deleuze e Guattari (2011) salientam sobre a relação do sujeito no território como procedimento de construção de delimitações, mapas e seus achados. Ou seja, é um procedimento metodológico que visa acompanhar processos, entendendo a não padronização das paisagens e as constituições das mesmas enquanto movimentos, sendo estes particulares.

Rosário (2008) promove uma discussão sobre o uso da cartografia na área da Comunicação. A autora aponta que as exigências metodológicas do próprio objeto de pesquisa e as especificidades da Comunicação em relação ao ato de cartografar envolvem a capacidade de criar, explorar e intuir. Para tanto, essas questões exigem do pesquisador uma postura de organizar um método.

Ainda nesta subseção, cartografia e Comunicação, é oportuno dizer que a cartografia é uma orientação metodológica nova, no que toca ser explorada e comparada com métodos tradicionais usados em pesquisas da Comunicação, tais como Análise de Conteúdo, Estudo de Caso, Análise de Discurso entre outros. Diante de tal questão, Rosário e Coca (2018, p. 46) trazem considerações sobre esse modelo de pesquisa para a Comunicação:

A cartografia na comunicação vai provocar diversas ordens de desterritorialização do pesquisador, primeiro em relação ao seu entendimento de ciência e de método, mas tem conexão também com a postura para iniciar o processo de investigação, a forma de coletar informações e interpretar os dados. Os procedimentos metodológicos mais usados na comunicação partem de um modelo (pronto) e a cartografia vai propor que se tenha, de saída, apenas um roteiro, à medida que a pesquisa se coloca em movimento encontra tensionamentos sobre os quais é necessário refletir e fazer escolhas sobre novos percursos, outras organizações e sistematizações.

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO CARTÓGRAFO

Sobre a posição do cartógrafo nessa produção de (des)territorialização no desenvolvimento de uma pesquisa, partilho das questões discutidas por Rolnik (2016). Para a autora, o sujeito tem uma capacidade de capturar formas e elementos que geram representações (entram em ordem da história e da linguagem), ao mesmo tempo que isso gera uma ordem, também causa sensações e é justamente na relação paradoxal do ordenar

e sentir que a autora compreende que o cartógrafo em território deve explorar o “corpo vibrátil”, ou também, como a autora define: potência de criação.

Respira fundo, toma coragem, apela para seu olho nu e também para potência vibrátil, não só do olho, mas de todo seu corpo. E começa sua aventura. [...] O cartógrafo parte com uma ideia na cabeça: tentar entender, antes de mais nada, a tal potência que sente no ar... (Rolnik, 2016, p. 85).

Essa ideia de “corpo vibrátil” está ligada à aptidão que o cartógrafo desenvolve durante a relação com o território e do seu olhar por meio da experiência com o espaço. Com isso, configura a realocação, desestabilização e desnaturalização do que é aprendido ao longo da produção do que é cartografado. Nessa aptidão, assume a subjetividade do sujeito-cartógrafo e sua sensibilidade que vão de encontro ao objeto-território da pesquisa, e, por isso, pode se constituir como uma ferramenta de sistematização do que é capturado no processo cartografado.

Em decorrência da cartografia voltar seu olhar para processos e o estar em campo, o cartógrafo é exposto a muitos elementos. O pesquisador convoca a sua atenção, não no sentido de se ater a tudo que lhe acomete, mas sim estar em processo de não fugir da problemática e foco da análise, como explica Kastrup (2020). Sendo assim, é necessário situar o macro e micro contextos como uma dinâmica que trata os achados do território-objeto em consonância com os objetivos que orientam a pesquisa. É importante inserir essa questão como um resultado dos registros do diário de campo e do “corpo vibrátil” que também é tecnológico, racializado e homoafetivo.

Em discussões, o processo de observação e redirecionamento da experiência paradoxal do cartógrafo são semelhantes e debatidas por Rolnik (2016), Kastrup (2020), Passos e Eirado (2020), que contribuem para pensar a posição do cartógrafo na produção de análises.

O cartógrafo não toma o eu como objeto, mas sim os processos de emergência do si como desestabilização dos pontos de vistas que colapsam a experiência no (“interior”) eu. Ora, a posição paradoxal do cartógrafo corresponde à possibilidade de habitar a experiência sem estar amarrado a nenhum ponto de vista e, por isso, sua tarefa principal é dissolver o ponto de vista do observador sem, no entanto, anular a observação (Passo e Eirado, 2020, p. 123).

Nesse emaranhado de discussões, a compreensão que adoto sobre a posição da minha presença no processo de análise desta pesquisa é a de intermediação: produção de dados, observação, descrições e discussões a partir da problemática orientadora: como são produzidas masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*? Para tanto, o que é produzido é correlacionado ao meu “corpo vibrátil”: negro, homoafetivo, espiritualizado, politizado e tecnológico que também produz relações de sentidos como o objeto-território que cartografo.

CONSIDERAÇÕES

Hoje consigo visualizar que existe um tensionamento na produção acadêmica brasileira. Sobretudo partindo do ingresso, desenvolvimento e resistência da presença sujeitos ditos como marginalizados em todos os campos da ciência. Na Comunicação, podemos observar o crescimento de discussões de raça, gênero e sexualidade em torno das práticas e processos comunicacionais. Nesse cenário, pude realizar uma pesquisa de mestrado, me situando no território-objeto, isso me impulsionou a questionar movimentos metodológicos para tensionar a cartografia na Comunicação a partir das especificidades e necessidades que meu território-objeto me apresentou.

A discussão aqui tensionada não se trata de propor um modelo metodológico, mas sim a partilha de uma experiência metodológica que forneça pistas para à necessidade de refletir sobre o lugar de observação do sujeito-pesquisador, seja na elaboração de testemunho, seja na construção metodológica de uma pesquisa. Neste trabalho, aponto para a cartografia na Comunicação como uma postura metodológica que nos ensina a ouvir os dados coletados ou produzidos a partir da relação sujeito-pesquisador e território-objeto. Assim, penso que a cartografia pode ser uma orientação metodológica a ser explorada na área da Comunicação.

Ainda é válido dizer que a experiência de estar no território-objeto me orientou na percepção dos aspectos empíricos como a repetição de características físicas, tais como corporalidades, espaços e vestimentas e também nas expressões de subjetividades nos textos e nas fotografias. Com isso, pude buscar as discussões teóricas e estratégias de agrupamento de sentidos, o que me levou a fazer atravessamentos com diversos campos, autores e autoras da Antropologia, Linguística, História, Sociologia, Psicologia entre

outras áreas em diálogo com a Comunicação para pensar a encruzilhada de raça, gênero e sexualidade que envolve as masculinidades negras homoafetivas no *Instagram*.

Assim, finalizo esse texto, como um convite para nós pesquisadores e pesquisadoras da Comunicação: vamos nos lançar a múltiplas metodologias, desafios e estratégias metodológicas, bem como tensionar o que temos de metodologias já consolidadas em diálogo com as realidades que nos propomos a refletir.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny, PASSOS, Eduardo. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Organizadores: PASSOS, Eduardo Passos, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. Sulina: Porto Alegre, 2020.

AHLGREEN, Matt. **40 + INSTAGRAM ESTATÍSTICAS E FATOS PARA 2022**. Disponível em: <https://www.websiterating.com/pt/research/instagram-statistics/#:~:text=Em%202022%2C%20Zara%20foi%20a,de%20v%C3%ADdeo%20%C3%A3o%20de%200.39%25>. Acesso em 09. de mai. de 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 2. reimp. São Paulo: Polén Livros, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria., vol. 7, n.2, p. 66-77., mai./ago., 2014. Disponível em: encurtador.com.br/vyQW4. Acesso em: 03 de jun. de 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2ª ed., v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Trabalho apresentado no **8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh**, 5 a 7 de abril de 1979. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf. Acesso em 30 de out. de 2022.

GONZALEZ, Lélia. 1984. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, **IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, pp. 223-244, Anpocs. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%20L%C3%A9lia%20-

[%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](#) . Acesso em: 07 de jun. de 2019.

GONZALEZ, Lélia. **O Lugar do negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº 92/93 (jan/jun), p. 69 – 82, 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-elia-gonzales1.pdf> Acesso em 07 de out. de 2022.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira [1981]. In: Lélia Gonzalez: **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e de Lúcia Cláudia Leão. 1ª ed., 4ª reimp. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Organizadores: PASSOS, Eduardo Passos, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. Sulina: Porto Alegre, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Editora Perspectiva SA, 2016.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Organizadores: PASSOS, Eduardo Passos, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. Sulina: Porto Alegre, 2020.

PASSOS, Eduardo, BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Organizadores: PASSOS, Eduardo Passos, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. Sulina: Porto Alegre, 2020.

PASSOS, Eduardo, EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Organizadores: PASSOS, Eduardo Passos, KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliana da. Sulina: Porto Alegre, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografias sentimentais**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª e.d. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. 2008. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Organizadores). Editora Universitária UFPB: João Pessoa, 2008, p. 195-220.

ROSÁRIO, Nísia Martins do., COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS., v.19, n. 41 [34-48] set-dez 2018. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5481 Acesso em 05 de abril de 2021.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. In: **Projeto de História**. Tradução de Lúcia Haddad. Revisão técnica de Marina Maluf. v. 16, jan./jun. Cultura e Trabalho, 1998. Disponível em: encurtador.com.br/etuvL. Acesso em: 06 de mai. de 2021.

SILVA, Geovane Pereira. **Masculinidades negras homoafetivas no Instagram**: uma cartografia da produção de subjetividades pela #negrogay. 2023. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2023.

AGRADECIMENTOS

Estou feliz em compor este dossiê e agradeço por estar aqui. Como mencionado na apresentação, este estudo é fruto da minha pesquisa de mestrado. A banca de qualificação e de defesa foi afro-centrada; sem ela, a dissertação não teria amadurecido em termos teóricos e metodológicos. Agradeço à professora Nilsângela, não só por contribuir com minha pesquisa como membro da banca avaliadora, mas também por ter sido uma pessoa que me introduziu institucionalmente como pesquisador durante a graduação. Da mesma forma, expressei meu agradecimento ao professor Michel, não apenas por compor a banca externa de avaliação, mas também por todo o afeto, parcerias e orientações durante o período do mestrado. Nos conhecemos virtualmente em 2022 e, pessoalmente, nos encontramos aleatoriamente pelas ruas de Aracaju-SE neste ano; acredito que Exú o colocou no meu caminho. Agradeço também pela bolsa fornecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (Fapepi) durante o tempo do mestrado. Meu muito obrigado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI e à própria UFPI por me tornarem mestre em Comunicação.